

I- Editorial

Com a edição número sete da *Mare Nostrum* implementamos algumas alterações no perfil e política editorial da Revista, bem como em sua plataforma, a fim de melhorar sua qualidade, aumentar sua periodicidade e ampliar sua visibilidade. Em outras palavras, a *Mare Nostrum* cresceu muito desde sua primeira edição e é chegada a hora de empreender algumas mudanças para acomodar a bagagem de experiências e aprendizados adquirida ao longo desses anos.

Algumas mudanças são novas, outras nem tanto. Por exemplo, artigos sobre temas variados que não possuem necessariamente o Mediterrâneo como objeto primeiro de discussão, mas que encontram no Mediterrâneo um pano de fundo sobre o qual explicita ou implicitamente se desenrolam seus problemas e questões, têm sido publicados desde a primeira edição da Revista (2010). Nesse sentido, nossa postura de abertura e estímulo a publicação de artigos das mais variadas disciplinas sobre quaisquer questões, temas, lugares e povos relacionados direta ou indiretamente ao mundo Mediterrâneo antigo, não constitui propriamente uma novidade. Antes, estamos formalizando em nível editorial uma prática realizada desde os primórdios da Revista. Há que se ressaltar que tal política não altera a identidade de nossa Revista, uma vez que entendemos o Mediterrâneo não apenas como objeto de análise mas também como uma das muitas “formas da história”.

Mas há também muitas novidades. A partir de agora, a *Mare Nostrum* deixa de ter periodicidade anual para se tornar semestral. Também passamos a contar com uma nova plataforma, que possibilitará atingir maior rigor e praticidade no que diz respeito ao processo de submissão e avaliação de artigos, tanto por parte dos administradores da Revista quanto de seus usuários. A nova plataforma também oferece como recurso a possibilidade de um site bilíngue. Esse ponto é particularmente importante para a atual fase da Revista, uma vez que buscamos promover maior interdisciplinaridade e, principalmente, a internacionalização de seus debates.

Da mesma forma que o Mediterrâneo antigo era composto por redes diversas e complexas de conectividades, nós não podemos nos isolar das outras redes de conhecimento que existem ao redor do mundo. Assim, também nos

propomos a realizar um esforço maior no sentido de ampliar o diálogo com colegas estrangeiros. Nosso primeiro passo nesse sentido foi tornar o inglês e o espanhol idiomas oficiais da Revista justamente com o português. O inglês foi escolhido por ser a língua acadêmica predominante. O espanhol também foi selecionado porque mantemos um forte desejo de nos aproximarmos da produção de nossos colegas da América Latina e pretendemos, dessa maneira, encorajar maior diálogo e debates locais.

Afim de marcar esse período de transformações, preparamos uma edição especial com autores convidados pertencentes à diferentes nacionalidades, áreas de especialização, tradições acadêmicas e instituições ao redor do mundo.

Os primeiros três artigos descrevem as trajetórias e muitos dos percalços pelos quais passaram inscrições e objetos do passado grego e mesopotâmio até suas configurações tais quais a conhecemos. O texto de Ivan Matijašić, “Scylax of Caryanda, Pseudo-Scylax, and the Paris Periplus: Reconsidering the Ancient Tradition of a Geographical Text”, tem como objeto o manuscrito “Paris Periplus”, também conhecido como “périplo de Pseudo-Cílax”. Seu objetivo é discutir a imprecisão da tradição antiga sobre a autoria do periplus, supostamente atribuído a Pseudo-Cílax, a fim de criticar uma corrente de pesquisadores que defende que o texto fora escrito por Cílax de Carianda, explorador e navegador grego que vivera no século VI a.C. Para tanto, Matijašić discute problemas históricos e filológicos relacionados com a geografia da costa do adriático e faz uma varredura nas referências ao navegador grego na antiguidade, procurando mostrar que já no final do século I a.C. é possível identificar a errônea atribuição do “Paris Periplus” à figura histórica de Cílax de Carianda. Tal erro, segundo o autor, se perpetuou por toda a antiguidade tardia até se cristalizar na escolástica bizantina e contaminar as produções modernas.

Na sequência, nós temos o artigo de María Dolores Casero Chamorro, “A souvenir from Nahur: A sample of “entanglement” in the reconstruction of the Mesopotamian Past”, que sugere a possibilidade de entendermos a narrativa sobre as origens, viagens e funções de algumas colunas feitas de cedro de Nahur como uma “biografia”, ou seja, como se os objetos fossem seres vivos. Para tanto, a autora realiza uma “biografia” da trajetória que vai do saque dessas colunas em Nahur até seu destino final em Ashur através do estudo das

inscrições A.o.76.25 e VAT 16381. Baseando-se na teoria de entanglement proposta por Hodder (2012), Chamorro revela a complexa dinâmica e teias de relações que levaram aos usos e reusos materiais e simbólicos dessas colunas, bem como à preservação de sua história, a fim de oferecer ao leitor uma compreensão mais apurada do passado assírio.

Fechando esse bloco de artigos, nós temos o artigo de Paloma Guijarro Ruano que realiza um estudo de IG VII 58 do ponto de vista linguístico em “IG VII 53, an epigraphic *rara avis* in the corpus of Greek metrical inscriptions”. De acordo com a autora, IG VII 58 é uma espécie rara na tradição epigramática, pois o epigrama é geralmente atribuído ao poeta Simonides de Ceos quando nenhum de seus epigramas – até onde se sabe – foi preservado em um monumento. Ruano, então, revisita as principais interpretações literárias e históricas da inscrição e realiza uma análise da linguagem métrica das inscrições pré-helenísticas a fim de entender se/como métrica ajudou na preservação do epigrama. A partir da constatação de que métrica não foi importante nesse processo, a autora argumenta que tal singularidade é melhor explicada se considerarmos duas fases distintas da inscrição: uma na qual o epigrama foi originalmente composto e outra na qual houve a construção de um monumento no qual foi preservado. Isso teria feito com que essa *rara avis* voasse muitos séculos, através de diferentes contextos epigráficos e literários, até chegar em nossos dias.

Partindo das “biografias” – tomando emprestada aqui a terminologia adotada por Chamorro – e seguindo para outros horizontes do mundo antigo, nós temos o artigo de Aiste Celkyte, “Epicurus and Aesthetic Disinterestedness”. A autora discute o conceito de desinteresse estético e visa questionar premissas importantes associadas ao debate: a ideia de que os antigos tiveram apenas um interesse pontual e pouco desenvolvido acerca desse conceito e a ideia de que a discussão sobre desinteresse estético surgiu apenas no século XVIII, marcando a emergência da estética como disciplina. Para tanto, Celkyte analisa os trabalhos de Epicuro a fim de provar que, dadas as devidas ressalvas, os filósofos antigos não só possuíam um conceito de desinteresse estético semelhante ao nosso, mas que eles também o pensaram e o desenvolveram de forma cuidadosa e complexa.

No âmbito nacional, nós temos duas contribuições. A primeira é a de Christiane Teodoro Custodio, que discute as potencialidades dos Sistemas de Informação Geográfica (SIGs) para a arqueologia e seus impactos na forma como entendemos o passado. Como estudo de caso, a autora analisa as relações de interdependência entre as metrópoles e apoikias estabelecidas por colonos gregos na Sicília a partir do século VIII a.C. A segunda contribuição é a de Felipe Nascimento de Araújo com “Os coros musicais como lugar antropológico na sociedade ateniense no final do séc. VI a.C. através da análise imagética de cerâmicas áticas”. Partindo do conceito de “lugar antropológico” proposto por Marc Augé (2012), Araújo examina as representações dos coros musicais na iconografia das cerâmicas áticas do período arcaico (séculos VIII a VI a.C.) até o começo do século V a.C. e argumenta que elas exerceram um papel fundamental na formação do ideal igualitário de cidadania que se consolidaria com a reforma de Clístenes (508/7 a.C.).

Esta edição se encerra com três resenhas de livro. Camila Zanon avalia a tradução para o português do livro de Barbara Graziosi realizada por Claudia Gerpe Duarte e Eduardo Gerpe Duarte: *Os deuses do Olimpo: Da Antiguidade aos dias de hoje, as transformações dos deuses gregos ao longo da história* (*The gods of Olympus: A history*), originalmente publicado em 2014. Pedro Luís de Toledo Piza discute a abordagem do “Jesus histórico” por Reza Aslan em *A vida e a época de Jesus de Nazaré*. Gilson Santos, por fim, realiza uma apresentação do terceiro volume da coleção *Bibliotheca Latina: Prosa técnica: Catão, Varrão, Vitruvius e Columela* de Matheus Trevizam, publicado pela Editora da UNICAMP.